



A LINGUAGEM IMAGÉTICA NA ESCOLA E NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Rosângela Maria Gonçalves Val/UNESP

rosangela_mgval@hotmail.com

Cláudio Benito Oliveira Ferraz/UNESP

cbenito2@yahoo.com.br

Este artigo é decorrência da pesquisa intitulada **“O trabalho com Imagens no Interior da Escola: leitura e interpretação imagética pelos professores do ensino fundamental”**, realizada como monografia final do curso de pós-graduação “Lato Sensu” Arte Educação, que se deu no interior da Faculdade de Ciências e Tecnologias (FCT) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente (SP), conjuntamente com as atividades desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG), vinculado à mesma instituição.

A referida pesquisa objetivou analisar os processos de uso dos recursos imagéticos no interior da escola a partir das indicações e propostas presentes no Caderno de Orientações que a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo distribuiu para os professores, com as especificidades de orientações de como trabalhar, assim como a apostila distribuída para os alunos de todas as escolas estaduais.

A pesquisa de campo foi desenvolvida na Escola Estadual Amália Valentina Marsiglia Rino, situada no município de Rinópolis – SP, que atende o ciclo II do Ensino Fundamental, ou seja, de 5ª a 8ª séries, e tem 450 alunos matriculados, sendo a escola em que atua um dos elaboradores desse artigo.

A forma de pesquisa foi focada em observação direta das aulas de Geografia quanto ao tratamento com os documentos distribuídos pela Secretaria Estadual de Educação (SEE), seguida por entrevistas com os professores e alunos a respeito desses materiais. Como o foco principal é a disciplina de geografia no contexto escolar, e como as orientações da SEE e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) apontam para a integração das abordagens entre as várias disciplinas afins, tivemos que comparar o

trabalho com imagens a partir da integração de ações propostas entre Geografia, Português, História e a disciplina de Artes, ministrada por nós.

Para a investigação foram selecionadas a 5ª série e 8ª série, como início e final de ciclo, respectivamente, não apenas como proposta, mas para observar como o aluno interpreta as imagens no início do ciclo e como passa a ler e interpretar o texto imagético no final do ciclo com as intervenções feita pelo professor.

Paralelamente às observações e entrevistas, fomos realizando leituras dos documentos oficiais, tanto os cadernos de orientação da SEE quanto os PCN's destas diversas disciplinas, e analisando a estes a partir de artigos e textos teóricos que visavam perscrutar o sentido da linguagem imagética, desde sua importância no cotidiano da vida urbana e informacional atual até as possibilidades de aprendizagem e exercício desta linguagem no interior da escola.

Quando estas séries de atividades básicas se efetivaram, passamos a sistematizar todas as informações observadas, coletadas e estudadas num texto conclusivo a partir de nossa experiência e reflexão que aqui apresentamos de forma mais concentrada em seus aspectos determinantes quanto ao ensino de geografia.

Considerações prévias sobre imagem e o ensino

As imagens têm sido o veículo de expressão e comunicação humana desde a pré-história. E como forma de comunicação adquiriu dimensões extraordinárias, tanto que permeia a vida cotidiana com mensagens visuais que norteiam a organização da atividade humana em sociedade.

É fato inconteste que nas últimas décadas, após as profundas transformações decorrentes das inovações técnicas e tecnológicas nos meios de comunicação e informação, os processos perceptivos e as maneiras dos indivíduos se relacionarem com seu ambiente estão passando por mudanças, notadamente as novas gerações.

A escola, sendo uma das instituições principais para estabelecer os processos de sociabilidade entre os indivíduos, preparando os jovens para se integrarem à sociedade de forma consciente e autônoma, sofre perante as concepções hegemônicas implementadas pelos discursos e políticas educacionais oficiais e a dificuldade dos professores exercitarem suas funções em sala de aula com alunos que trazem para o interior, experiências que muitas vezes subvertem a lógica desejada pela instituição, quando não são totalmente estranhas ao que os professores devem trabalhar.

Os professores e a escola, como um todo, ainda se baseiam na lógica do mundo verbal, da palavra hegemonicamente detentora da ordem explicativa do mundo, como caminho para a formação dos valores e habilidades nos alunos. Já estes exercitam e vivenciam um cotidiano em que a imagem e não a palavra é a detentora desse processo de aprendizagem e interação social.

Torna-se, portanto, urgente e necessário que a escola se abra para esta nova linguagem como forma de capacitar os alunos ao melhor exercício crítico desta frente ao mundo, não se deixando levar pelo mero impacto espetacularizante que esta proporciona. Esse desafio é que justificou a pesquisa e aqui delineamos algumas considerações a respeito a partir do por nós pesquisado.

As imagens se apresentam como signos inferindo associações na relação que o aluno faz com a representação pictórica. Essas relações são alimentadas pela capacidade de representar uma linguagem que o ser humano desenvolveu a partir de seus próprios sentidos ao longo do tempo. O modo de representação, visto como prática humana está inserido no sistema social, econômico e cultural que revela o contexto explicitamente, de um povo assim representado.

Como forma de comunicação, as imagens são vistas como processo de integração entre os povos. A afirmação de Hugo Achugar (1989 p. 12): “...*ideias de integração... nasciam do desenvolvimento contemporâneo das comunicações, da situação geopolítica mundial...*” Mas com a globalização é gerado um discurso tenso que tenta construir ou procurar uma nova identidade heterogênea. Ainda segundo Achugar, podemos considerar que o processo de integração é uma leitura que o indivíduo faz de si mesmo e do mundo a sua volta, reconhecendo ser possível a construção de uma identidade e heterogeneidade própria, massificada pela globalização:

“...registros e imagens que acompanham o processo de integração regional falam mais de uma defasagem entre... aqueles que vivem tal processo de integração. A integração econômica é realizada sobre uma integração existente... mas que começou a ser acelerada de modo dramático pelo processo de globalização”. (ACHUGAR, 1989. p.27)

Esse processo todo se originou a partir da alteração da vida cotidiana que se tornou acelerada e confortável, suprimindo a reflexão e o tempo. A necessidade de comunicação cada vez mais rápida e melhor tornou a indústria cultural a grande reprodutora de imagens, tirando ao homem a capacidade de pensar.

Hoje as imagens têm um grande poder de integrar a sociedade com interesses afins, aproximar contextos e pessoas, ditar clichês e justificar ações humanas. Para

tanto foram desenvolvidas formas de interpretação e leitura que analisam o texto não verbal como código de representação do processo de comunicação. Interpretar os códigos é decodificar a linguagem da representação das ações humanas. Essa interpretação da imagem está associada ao nosso repertório pessoal que produzirá conceitos que determinarão estados sensitivos de recepção com atitudes reflexivas. O que Ferrara afirma é: “*o objetivo da leitura não verbal vai muito além da decodificação*” (FERRARA. *Leitura sem Palavras*. P.28).

O texto não verbal representa nossa linguagem quando se associa e produz ideias novas a partir de inferências que nos mostra a proximidade e a comparação entre objetos e situações distantes. Das experiências humanas cotidianas é que nascem os textos não verbais e por causa deles, a leitura.

Podemos entender que a leitura imagética que o aluno faz do texto não verbal se constrói na imaginação e memória, interferindo no comportamento humano que recria essa mesma memória quando acrescenta situações atuais que dão sentido aos fenômenos da consciência. O comportamento social atual nos mostra que a nossa sociedade está pautada em imagens. Essas imagens que chegam até nós das mais variadas formas são exercícios de dominação que sugerem sempre o saciamento imediato das emoções. Sentimentos com tendência descartável porque há a saturação dos produtos oferecidos.

Hoje as imagens, através dos veículos de comunicação e a alta tecnologia transmitem o sentido para aquilo que se tem interesse, deixando em segundo plano os códigos da imagem que dão o real significado e valor da própria imagem em si.

Para tanto foram pensadas para que sejam desenvolvidas na escola, estratégias de leitura que prioriza o ser pensante e reflexivo. Segundo John Berger, uma das estratégias é ampliar o repertório pessoal para que o aluno passe a dar sentido a tudo aquilo que vê: “*A maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos*” (BERGER, 1999 p.10). Outra estratégia de interpretação é, através de perguntas, problematizar buscando o significado da imagem; comparar com a realidade de cada um; contextualizar.

Partindo da premissa de que imagens são ícones carregados de significados, absorvemos que o mundo é imagético e nós temos a vida dirigida por esses textos não verbais que disciplinam, sugerem, mandam, ampliam e organizam a vida em sociedade. Por um outro lado podemos identificar a imagem através de seu veículo mais poderoso: a mídia, como algo persuasivo, saciador de apetites intelectuais e culturais com

tendências destruidoras de significados. John Berger (1999) contribui nesse aspecto da linguagem pictórica com a seguinte afirmação:

“o que os modernos meios de comunicação fizeram foi destruir a autoridade da arte e (...) remover as imagens que elas reproduzem. (...) as imagens passarem a ser efêmeras, insubstanciais, sem valor (...). Se a nova linguagem das imagens fosse usada de modo diferente, ela poderia por meio de seu uso conferir novo tipo de poder.” (BERGER, 1999 p. 35).

Logo podemos observar que as imagens são elementos indispensáveis à formação do homem porque interferem no seu imaginário com relações de proximidade e distância. Ampliam a capacidade perceptiva, organiza a estrutura da sociedade e quando bem orientada em suas interpretações e leituras, as imagens podem instrumentalizar o olhar do observador para o enriquecimento de sua cultura e seu próprio modo de vida. Nesse ponto que o papel da escola atualmente é crucial para a formação de cidadãos que possam ler e interpretar as imagens de forma consciente, crítica e proveitosa para o sentido de melhor localização e orientação do homem no mundo.

Os documentos oficiais norteadores do ensino com imagens em São Paulo

No Brasil, as últimas décadas foram de grande importância para o sistema educacional, pois simbolizam a busca de qualidade e avanço na educação. Esta busca de melhoria no ensino está nitidamente refletida na renovação de leis que surgiram no período de transição da reforma educacional de 1996 como a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que tem por objetivo traçar um fio condutor de responsabilidade entre família – Município - Estado e União.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com base na Constituição Federal de 1988, visa à educação para todos e com a sua promulgação trouxe mudanças no sistema educacional incluindo características peculiares no trato do ensino público e assegurando o princípio do direito universal da educação para todos. Também a LDB já previa em seu artigo 26º, um núcleo comum para o currículo do ensino fundamental e médio e uma parte diversificada para atender as peculiaridades locais e regionais:

“ Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (LDBEN, Brasil: 1996. art.26º)

Em contrapartida, como a Lei de Diretrizes e Bases não direcionava o currículo escolar para conteúdos específicos era necessário que se criasse um parâmetro para suprir os diferentes níveis pedagógicos. O ensino proposto pela LDB está em função do objetivo maior do ensino fundamental que é o de proporcionar a todos uma formação básica. Desta feita surgiram os PCNS - Parâmetros Curriculares Nacionais para reforçar a LDB, dando conta da amplitude de objetivos e reafirmando o princípio da base nacional para a educação assegurada pela Constituição Federal em seu artigo 210º:

“Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.(Constituição Federal, Brasil – art. 210º p. 139)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais é referência comum em todo o País, fortalece a unidade nacional e abre possibilidades de adaptações quanto ao conteúdo que integra as diferentes peculiaridades da prática pedagógica em todo o território nacional. Os Parâmetros refletem o que o MEC (Ministério da Educação e Cultura), julga necessário para melhorar o desempenho do professor e conseqüentemente a aprendizagem do aluno. Em primeiro lugar, os Parâmetros Curriculares Nacionais buscam a melhora significativa da educação, mas é evidente que não pretende resolver todos os problemas que afetam e comprometem a qualidade do ensino/aprendizagem. Como exemplo, consideraremos o texto:

“A busca da qualidade impõe a necessidade de investimentos em diferentes frentes, como a formação inicial e continuada de professores, uma política de salários dignos e plano de carreira, a qualidade do livro didático, recursos televisivos e de multimídia, a disponibilidade de materiais didáticos. Mas esta qualificação almejada implica colocar, também, no centro do debate, as atividades escolares de ensino e aprendizagem e a questão curricular como de inegável importância para a política educacional da nação brasileira.” (PCN, volume1, Introdução. p.13/14).

Toda essa articulação resultou nas Diretrizes Curriculares Nacionais, que são o conjunto de definições sobre princípios, fundamentos e procedimentos na educação básica que orientarão as escolas brasileiras do sistema de ensino quanto à organização, desenvolvimento e avaliação da proposta pedagógica.

Diante destes conceitos e atendendo as normas preestabelecidas pela LDBEN, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP), promoveu uma mudança educacional no ano de 2008 com o objetivo de reformar a educação no estado atendendo ao art. 26º da referida lei, citado anteriormente. Essa reforma pretende contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no Estado através de um processo de intervenção na

aprendizagem que parte dos conhecimentos e experiências práticas acumulados como princípio norteador da promoção de habilidades e competências que se relacionam com o domínio da linguagem em suas diversas formas e manifestações.

Com o avanço tecnológico que definiu uma nova sociedade e suas relações, um novo tipo de desigualdade ou exclusão surge na era atual: a falta de acesso a bens materiais é tão indesejável quanto à falta de acesso ao conhecimento e aos bens culturais. Assim a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo apresenta, com a proposta, a democratização e qualificação da educação unificada, visando um currículo comum, dentre as diferentes disciplinas para todo o Estado de São Paulo: *”A Secretaria do Estado de São Paulo está realizando um projeto que visa propor um currículo para os níveis de ensino fundamental – ciclo II e médio. (PROPOSTA CURRICULAR, 2008p. 8).*

A partir do proposto, toma-se a escola como o espaço onde ocorre a transmissão de conhecimento, entre gerações, do ativo cultural da humanidade, seja este artístico, literário, histórico ou social, científico e tecnológico, em cada aspecto as linguagens são essenciais. Diz a proposta em sua apresentação:

“A educação precisa estar a serviço desse desenvolvimento, que coincide com a construção da identidade, da autonomia e da liberdade. Não há liberdade sem possibilidade de escolhas. Elas pressupõem um quadro de referências, um repertório que só pode ser garantido se houver acesso a um amplo conhecimento, dado por uma educação geral, articuladora, que transite entre o local e o mundial. Esse tipo de educação constrói, de forma cooperativa e solidária, uma síntese dos saberes produzidos pela humanidade, ao longo de sua história e de sua geografia, e dos saberes locais.” (PC – SEE/SP, 2008 p. 11).

Assim a proposta apresenta as linguagens como sistemas simbólicos e formas de compreender e agir sobre o mundo, tendo como base da educação os pilares da aprendizagem: aprender a aprender; aprender a fazer e aprender a conviver.

São elementos que precisam ser levados em conta no momento de elaborar o projeto político pedagógico da escola. É no projeto que contém o currículo, sendo este a base do ensino durante todo o ano letivo, dando sentido e definindo o conteúdo. Portanto a proposta estabeleceu como princípios o seguinte: *“o currículo como espaço de cultura; as competências como eixo de aprendizagem; a prioridade da competência de leitura e de escrita e a articulação das competências para aprender e a contextualizar no mundo do trabalho”.*(PC – SEE/SP, 2008 p. 11).

E para que haja uma aprendizagem efetiva são necessários desafios que estimulem o aluno a perceber o mundo à sua volta. Para o estímulo da percepção, a

comunicação através das linguagens imagéticas é o recorte apropriado na relação entre representar e expressar com sistemas simbólicos.

A partir de conceitos assim estabelecidos a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, através de sua Proposta Curricular orienta seus professores que, de acordo com a mesma devem provocar nos alunos o desenvolvimento de leituras verbais e não verbais. A seguir, portanto, vamos apresentar as linhas gerais que norteiam o ensino de geografia no Estado de São Paulo a partir dessa questão de domínio de habilidades e linguagens no exercício com imagens.

O ensino de geografia e o trabalho com imagens em São Paulo

A Proposta Curricular para o Estado de São Paulo se apresenta em cadernos de atividades para o aluno e caderno de orientações para o professor. São separados por disciplinas e distribuídos bimestralmente. As atividades citadas como situações de aprendizagem têm como foco conteúdos atuais que procuram desenvolver competências e habilidades nos alunos segundo algumas estratégias que se apresentam na referida proposta.

A área de Ciências Humanas e suas Tecnologias compreendem conhecimentos produzidos por Geografia e História, disciplinas entre outras que tem por objetivo o estudo dos seres humanos em suas múltiplas relações no espaço e no tempo.

O mundo atual caracteriza-se por uma utilização da visualidade em quantidades inigualáveis dentro da história e do nosso cotidiano. Com contato direto e contínuo, trabalhado ao longo do ensino fundamental, espera-se que os alunos possam ler e compreender sua realidade através das imagens que lhes chegam aos olhos a todo o momento e posicionar-se diante de determinadas situações, fazer escolhas e agir com critério dentro de suas habilidades e competências assim desenvolvidas durante os quatro anos do ciclo II.

Em um único livro-documento (PCNs) estão abordadas as duas disciplinas, separadas em partes que orientam e destacam pontos importantes da prática pedagógica em relação com o conhecimento histórico e geográfico dos alunos. O conteúdo abrange o cotidiano dos alunos e procura integrar a contextos históricos e geográficos.

Na disciplina de Geografia, os conceitos e procedimentos quanto à leitura da imagem são bem definidos, e se apresentam como estudo que deve abordar questões relativas à presença e ao papel da natureza e sua relação com a ação dos indivíduos, dos

grupos sociais e, de forma geral, na construção do espaço geográfico. Portanto, a paisagem local e o espaço vivido são referências de leitura para a interpretação do mundo em que o indivíduo está inserido.

A disciplina de Geografia, no Estado de São Paulo, atende as orientações presentes nos PCNs, ou seja, visa ampliar as capacidades dos alunos, do ensino fundamental, de observar, conhecer, comparar, entre outras significações, as características da localidade em que vivem com as paisagens e espaços à sua volta. É a busca pela realidade, com a perspectiva de que o aluno desenvolva uma consciência reflexiva e aprenda a utilizar o conhecimento em prol de si mesmo e da comunidade em que está inserido, interferindo pelo bem estar coletivo. Como componente curricular, os PCNs destacam os seguintes conteúdos para a disciplina quanto ao desenvolvimento da leitura de imagens:

“Observação e descrição de diferentes formas pelas quais a natureza se apresenta na paisagem local: nas construções e moradias, na distribuição da população, na organização dos bairros, nos modos de vida, nas formas de lazer, nas artes plásticas; Leitura e compreensão das informações expressas em linguagem cartográfica e em outras formas de representação do espaço, como fotografias aéreas, plantas maquetes, entre outras.” (PCN, Brasil – História e Geografia. V5, p. 135 e 149).

Entre outros, estes conteúdos pretendem estimular a capacidade do aluno em interpretar os fenômenos geográficos ampliando seu conhecimento e construindo sua própria identidade com o local em que vive a partir das leituras significativas para o qual seu olhar foi instrumentalizado. Não apenas através dos conteúdos, mas com objetivos traçados que o ajudem a construir conhecimentos que se refiram a conceitos, procedimentos e atitudes. Os PCNs definem como objetivos para a disciplina de Geografia, quanto à leitura da imagem o seguinte:

“Fazer leituras de imagens, de dados e de documentos de diferentes fontes de informação, de modo a interpretar, analisar e relacionar informações sobre o espaço geográfico e as diferentes paisagens; Saber utilizar a linguagem cartográfica para obter informações e representar a espacialidade dos fenômenos geográficos; Saber utilizar a observação e a descrição na leitura direta ou indireta da paisagem, sobretudo por meio de ilustrações e da linguagem oral; Saber utilizar os procedimentos básicos de observação, descrição, registro, comparação, análise e síntese na coleta e tratamento da informação, seja mediante fontes escritas ou imagéticas.” (PCN, Brasil – História e Geografia. V5, p.122, 131 e 144).

Diante destes parâmetros, a Proposta Curricular/SP para Geografia no ensino fundamental foi elaborada para desenvolver no aluno competências e habilidades de:

“Interpretar fatos, dados, situações, problemas ou fenômenos apresentados em forma de textos, gráficos e mapas, para compreender as diferentes formas de expressão e manifestação social na escala global; Identificar as principais questões por meio de leituras e interpretação de imagens, bem como das ideias resultantes das mensagens iconográficas”.(PC – SEE/SP, 2008. p 8)

Os cadernos da SEE/SP elaborados segundo a LDB e os PCNs, trazem em suas situações de aprendizagem temas relativos ao espaço geográfico, globalização, regionalização. Mas há uma diferença, os cadernos da 5ª série trazem muitas imagens problematizando os temas com leitura, análise, memória, pesquisa de campo, coleta de informações. Textos não verbais são oferecidos apenas para as 5ª séries. As imagens são paisagens, fotografias sociais, industriais, cartográficas e tecnológicas (fotos de satélites). Enquanto o caderno da 8ª série traz somente a linguagem cartográfica, dando ênfase apenas ao primeiro objetivo de competência e habilidade de: “*identificar as questões principais por meio de leitura e interpretação de textos, de mapas, de gráficos*”,...(PC – SEE/SP, Geografia). Embora seja sugerido ao professor que utilize em suas aulas fotos, charges, filmes, o que acontece nas situações de aprendizagem é que espera-se que o aluno encontre as ideias principais por meio de leitura de textos e da participação em discussões coletivas.

Os objetivos se constituem no ponto de partida para a reflexão sobre qual é a formação que se pretende que os alunos obtenham. O que a escola deseja proporcionar e tem possibilidades de realizar deve orientar toda a ação educativa da unidade. Para tanto que a escola prepara junto aos seus docentes a Proposta Pedagógica, no sentido de nortear os conteúdos voltados para a aquisição de metas educacionais que estruturam a grade curricular.

É nesse contexto que desenvolvemos a pesquisa aqui relatada a partir de como na aula de Geografia foram trabalhadas a leitura de imagens, assim como se deu a busca por informações sobre a leitura dos textos não verbais, dentro do contexto escolar e reconhecer a leitura de imagens como aspecto fundamental para o aprimoramento de habilidades de interpretação.

Análises pontuais a partir da pesquisa realizada

A imagem fala através das disciplinas e atravessa o conteúdo escolar como fonte de informação voltada para a observação. É nessa questão que se torna interessante estudar como o professor trabalha a leitura das imagens dentro da sala de aula. È óbvio

que cada profissional tem uma forma de transmitir seu conhecimento, mas é importante observar, também, que cada aluno recebe essa informação de forma diferente porque cada indivíduo tem um tempo para significar seu próprio conhecimento.

Esse conhecimento integra as disciplinas escolares em forma de textos, pretextos que ampliam e aprofundam o conteúdo dependendo de como o professor manipula os elementos imagéticos que tem à sua disposição. Na unidade escolar, espaço de campo para a pesquisa nos mostrou que diferentes professores das diferentes disciplinas trabalham a leitura da imagem como algo complementar do texto.

Sabendo que o professor é o elemento mediador da formação do aluno e que a sua prática na sala de aula reflete sua própria aprendizagem, deve este primeiramente se tornar um leitor de imagens, para depois propiciar condições adequadas de leitura a seus alunos. O mundo globalizado em que os povos vivem hoje e a torrente de imagens e informações que chegam até o indivíduo são necessários porque promovem a integração e superam as distancias, mas precisam ser trabalhadas de forma significativa para que esses mesmos indivíduos aprendam a diferenciar com criticidade os elementos que acrescentam conhecimento dos que somente canalizam a ideia.

Hoje, sabemos que, a alfabetização é um conjunto de informações que um determinado grupo compartilha e não mais somente ler e escrever. Logo, a alfabetização visual também deve operar dentro desses limites, tornando-se a comunicação visual através da Unidade Escolar que promoverá o desenvolvimento da linguagem visual sob um sistema de aprendizagem e compreensão de mensagens visuais acessíveis a todos que do conteúdo compartilhar. Esse modo visual constitui-se em um corpo de dados que devem ser usados para compreender as mensagens em níveis de utilidade: se funcional, informativa ou expressão artística.

Instrumentalizar o olhar do aluno e torna-lo perceptivo é o objetivo de todos os documentos envolvidos com a educação, tanto mais que os Parâmetros Curriculares, em suas páginas, não deixam dúvidas da importância dessa alfabetização visual. Mas e os professores estão envolvidos e comprometidos com essa nova postura educacional? Os subsídios para que o alfabetismo visual seja implantado estão claros na Proposta Curricular da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo?

Com questionamentos dessa natureza que este trabalho objetivou conhecer o que pensam os professores das disciplinas eleitas e o pensamento dos alunos que compartilham a mesma transmissão de conhecimento com esses professores.

Sabemos que no momento atual, todo tipo de imagens invadem a vida cotidiana e a alfabetização visual se torna fundamental na construção do conhecimento. Com base nestas afirmações a pesquisa colocou para alunos e professores, perguntas que mostrarão, através de suas respostas como os alunos desta Unidade Escolar estão significando a leitura imagética e como os professores as estão transmitindo. Durante a pesquisa as disciplinas de História, Língua Portuguesa e Arte também fizeram parte do questionário, para que pudéssemos fazer uma comparação percentual. Passemos então aos dados obtidos com a pesquisa.

Na sala de 5ª série, um total de 25 alunos foram entrevistados e na classe de 8ª série foi um total de 33 alunos que responderam a pesquisa. As mesmas perguntas foram feitas em ambas as salas, com questionário individual aplicado, sem interferência do aplicador.

Quando perguntado aos alunos se as imagens que ilustram o texto no caderno da Proposta Curricular ajudam a entendê-lo melhor, 100% de ambas as salas responderam que sim. Mas quando perguntados em qual disciplina essa melhoria ocorre de forma mais presente, temos a seguinte porcentagem de respostas:

TABELA I
Qual disciplina a imagem melhor ajuda a compreender o texto

	5ª SÉRIE	8ª SÉRIE
GEOGRAFIA	60%	84,8%
ARTE	92%	90,9%
HISTÓRIA	40%	30,3%
LINGUA PORTUGUESA	68%	60,6%

Dos textos que apresentam imagens, na 5ª série, 64% responderam que todos, contra 16% que responderam que nem todos os textos apresentam imagens e 20% disseram que somente alguns. Na 8ª série 51,5% responderam que todos os textos apresentam imagens e 30,3% disseram que nem todos, enquanto 18,1% assinalaram que alguns apenas. Essa questão teve um ponto peculiar porque todos os alunos de ambas as salas assinalaram que apenas Geografia e Arte têm imagens que ilustram todos os textos.

Em outra questão a 5ª série assinalou que apenas alguns professores trabalham as imagens na sala, totalizando um percentual bem interessante quanto à prática

pedagógica dos professores na sala de aula quanto a leitura e interpretação das imagens dos cadernos da Proposta Curricular:

TABELA II
Em quais disciplinas se trabalham as
imagens da apostila

	5ª SÉRIE	8ª SÉRIE
GEOGRAFIA	64%	100%
ARTE	88%	93,9%
HISTORIA	56%	27,2%
LINGUA PORTUGUESA	64%	81,8%

Enquanto a 8ª série assinalou que todos trabalham as imagens, mas nem sempre trabalham todas as imagens que tem no caderno. Os dados demonstram que os professores, segundo a opinião dos alunos, estão realizando a leitura das imagens que o caderno oferece, com variação da quantidade de imagens presentes no documento.

As questões foram trabalhadas para extrair do aluno o que ele realmente está entendendo sobre a apresentação da disciplina e a leitura das imagens contidas no caderno. Portanto, quando perguntado se as imagens contem informações necessárias para exemplificar o texto em que está inserida, na 5ª série 80% respondeu que sim e 20% assinalou que não sabe dizer, enquanto na 8ª série 87,8% respondeu que sim, 6% responderam não e 6% não soube dizer. Outra questão foi se as imagens são coloridas, nítidas e fáceis de entender chegou a 100% que sim na 8ª série e na 5ª série, 92% assinalou que sim e 8% assinalou não. Em ambas as salas 100% gostam quando aparecem imagens no texto.

Quando perguntados qual disciplina leva para a sala de aula outras imagens além das que se apresentam no caderno responderam o seguinte:

TABELA III
Quais disciplinas trabalham outras imagens
além das presentes na apostila

	5ª SÉRIE	8ª SÉRIE
GEOGRAFIA	52%	42,4%
ARTE	84%	87,8%
HISTORIA	24%	9%
LINGUA PROTUGUESA	36%	63,6%

Na Unidade Escolar é preciso estar atento à quantidade de informações que a criança recebe e procurar transformar essas informações em experiências de aprendizagem. Todos os alunos assinalaram que compreendem melhor o texto com imagens. Abaixo veremos uma tabela que demonstrará quantitativamente em

percentuais, quais imagens são trabalhadas em sala de aula nas disciplinas de Geografia, Arte, História e Língua Portuguesa.

TABELA IV
Porcentagem das fontes de imagens trabalhadas em cada série

	5ª SÉRIE				8ª SÉRIE				
	GEO	ARTE	HIST	L.P.	GEO	ARTE	HIST	L. P.	
FOTOS	32%	56%	64%	32%	FOTOS	18,1%	90,9%	87,8%	84,8%
PINTURAS	8%	96%	36%	36%	PINTURAS	0%	93,9%	6%	9%
GRÁFICOS	40%	8%	16%	4%	GRÁFICOS	100%	3%	12,1%	3%
MAPAS	84%	4%	56%	0%	MAPAS	93,9%	0%	24,2%	3%
FILMES	72%	4%	0%	80%	FILMES	0%	24,2%	12,1%	75,7%

As tabelas acima demonstram a frequência com que os alunos acham que as imagens selecionadas são trabalhadas. Quando responderam como cada professor trabalha as imagens em sua respectiva disciplina a 5ª série respondeu que Geografia apresenta a imagem e depois comenta um pouco sobre a mesma; Arte mostra, comenta e depois manda fazer uma atividade referente; História fala um pouco sobre os mapas e Língua Portuguesa comenta a imagem e faz perguntas. A 8ª série explicou em suas respostas que Geografia explica a imagem de acordo com o texto; Arte explica a obra, o autor e relaciona com o que estão estudando; História não explica as imagens e Língua Portuguesa explica e aplica na sala de aula. No caso de Geografia podemos observar que há um aumento considerável no trabalho com imagens na 8ª série, mas, nenhuma pintura e nem imagem móvel são trabalhados o que reduz consideravelmente os estímulos e linguagens, comprometendo a formação de habilidades e competências pelo aluno.

E finalizando o questionário para o aluno perguntou-se o que mais atraía numa imagem e a classe de 5ª série: 52% responderam que é a cor; 28% a emoção da cena; 48% a informação e 4% outros. A 8ª série ao responder o que mais atraía nas imagens considerou: 66,6% para a cor; 66,6% para a emoção da cena; 84,8% para a informação que a imagem oferece e apenas 3% responderam outros apontando o cenário como fator que mais atrai nas imagens no caderno do aluno.

O questionário para o aluno foi colocado com o objetivo de recolher dados sobre como a leitura e interpretação das imagens estão sendo trabalhadas na sala de aula e

podemos observar que, segundo os dados obtidos, há uma falha no trabalho com imagens. Os alunos não estão sendo estimulados o suficiente para desenvolver uma leitura visual do contexto.

Com a proposição do questionário para o professor obtivemos uma posição mais definida de como as imagens são trabalhadas em sala de aula.

O professor de Geografia colocou que a mudança que ocorre no caderno do aluno de 5ª para 8ª série, que enquanto a 5ª trabalha muitas paisagens a 8ª é mapas e tabelas, é que os alunos de 5ª série têm que saber mais sobre paisagens. Na 5ª série as habilidades exercitadas no trabalho com as imagens é que o aluno “entenda a dinâmica da natureza e a interferência do homem”. Na 8ª série as habilidades são exercitadas com “leitura, interpretação e análise de mapas, gráficos e tabelas”.

A professora esclareceu que trabalha as imagens *“analisando as situações socioeconômicas com o intuito de demonstrar as diferenças entre os povos e países”*. Com exposições individuais de ideias, ela problematiza o texto junto com as imagens. Assinalou que as imagens se relacionam com a realidade dos alunos e também complementam o texto do caderno. Essas imagens são de boa qualidade e contextualizam as situações de aprendizagem.

O caderno ajudou o trabalho em sala de aula, mas não é o suficiente. E o aluno também tendo o caderno facilitou o trabalho na sala de aula. Sempre que possível utiliza material de apoio como: revistas e jornais para análise de gráficos e mapas sobre assuntos da atualidade. Utiliza o livro didático como complementação do conteúdo e também usa como recursos elementos como fotografias, mapas e gráficos, além de encomendar pesquisa aos alunos.

CONCLUSÃO

Os alunos não contam exclusivamente com o contexto escolar para construir seu conhecimento. Sabe-se que a família, a igreja, os amigos e a mídia são fontes de influência e alteram o processo de educação levando o indivíduo a interpretar a aquisição de conhecimento como obstáculos, ou ressignificar esse processo como a direção que se deve caminhar ultrapassando os obstáculos. Nesse aspecto os Parâmetros Curriculares Nacionais pretendem em todo o seu discurso contribuir no sentido de deflagrar um ensino mais eficaz.

O contato com imagens sensibiliza e educa o nosso olhar. Por isso essa prática, no contexto escolar e na disciplina de Geografia deve ser explorada em um diálogo de imagem e leitor sem precedentes oferecendo uma visão integral e simultânea de um tema e ainda possibilitando outras maneiras de compreendê-lo.

Nos últimos anos, o raciocínio lógico-matemático e a expressão verbal escrita foram valorizados excessivamente como demonstra os objetivos e os conteúdos disciplinares contidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Neste caso a linguagem visual pode equilibrar o excesso de racionalidade com exercícios que trabalham a sensibilidade da imaginação, intuição e habilidades que estimulam outras maneiras de pensar, sentir, ensinar, aprender e agir.

Com a leitura da imagem, o professor de Geografia e outras disciplinas também, devem trabalhar todo o potencial interdisciplinar do aluno reunindo conhecimento e integrando todas essas disciplinas escolares em um só caminho. O texto imagético não deve ser observado somente como um modo de preencher a explicação e a atividade. A imagem deve complementar a explicação, fazer parte do conteúdo e sugerir ao aluno uma reflexão crítica de sua posição atual perante a sociedade em que está inserido.

A desigualdade ou exclusão começa no momento em que o aluno não é estimulado a ler os códigos a sua volta. E esse entorno do aluno significa o seu espaço geográfico que se estabelece desde o seu nascimento até a sua formação como indivíduo pensante, devendo ser construído por meio de um processo progressivo que amplia seus conhecimentos e engloba a leitura da imagem como precursora do ideal de noção espacial. No desenvolvimento da leitura do texto imagético, o aprimoramento das habilidades e competências se fará por meio de diferentes relações entre as áreas do conhecimento e a Geografia que demonstra através de suas diferentes paisagens, territórios e lugares, a interação que o ser humano executa com os elementos da natureza e a sua própria condição de viver e descrever o que o rodeia.

A Geografia coloca que o *“desenvolvimento da leitura da paisagem é ir ao encontro das necessidades do mundo contemporâneo no qual o apelo às imagens é constante”* (PCN-História e Geografia, v.5, p.154). Neste caso é fundamental que a leitura de diferentes tipos de imagens seja oferecida aos alunos no intuito de buscar a aquisição de habilidades de leitura, tomando-se como referencia que uma mesma imagem pode ser interpretada de diferentes aspectos, permitindo a comparação e o confronto das diferentes leituras e das limitações dos próprios leitores. Essa limitação dos leitores nos demonstrou o questionário colocado aos mesmos, onde obtivemos

dados importantes que nos apontam falhas na apresentação de diferentes linguagens imagéticas, comprometendo o desenvolvimento do alfabetismo visual.

Os resultados desta investigação permitiram compreender que a alfabetização visual não é somente um processo de perceber e memorizar, é preciso que o aluno construa um conhecimento a partir das linguagens que lhe são colocadas para aprendizagem.

O aluno das escolas públicas, do ensino fundamental, em dias atuais, não está apto a este desenvolvimento. Este aluno não tem maturidade suficiente para buscar as informações sozinho, isso porque se acostumou com a torrente de informações que a indústria cultural impõe sobre os indivíduos facilitando a sua interpretação de vida. O aluno de 5ª série tem uma imaturidade natural que precisa ser trabalhada ao longo de todo o ciclo. Devido a esta característica de sua fase escolar, observamos que pouco conhece e significa de uma imagem. É neste momento que o professor interfere como mediador do conteúdo para aprimoramento do conhecimento. Porém, é facilmente observável que o aluno de 8ª série, realiza avanços, se compararmos com a 5ª série, mas esta evolução não ocorre dentro da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ciclo II do ensino fundamental. O aluno de 8ª ainda apresenta traços de imaturidade na leitura de imagens, o que talvez nos leve a pensar sobre a didática do professor, que precisa ser aprimorada para contribuir no crescimento das habilidades e competências.

Considerando que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, visa um ensino de qualidade e estabeleceu a Proposta Curricular no sentido de unificar o conteúdo curricular em todo o Estado, direcionando os objetivos para o aprimoramento da leitura e escrita em todas as disciplinas, suprimindo parcialmente outros conteúdos do currículo, cabe ao professor desenvolver uma autonomia na busca de informações sobre esse mundo imagético em que vivemos, pois, a presença da natureza é visível e real. Neste caso a relatividade da Proposta Curricular com a prática pedagógica resulta em mais falhas do que avanços na sala de aula, porque o professor sente uma determinada dificuldade em trabalhar com o material proposto pela SEE/SP, devido o seu conteúdo textual e imagético não pertencer à realidade de seus alunos, obstruindo a contextualização. Consequentemente o alcance dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais fica restrito e defasado, contribuindo para um mau desempenho dos alunos nos processos avaliativos impostos pela mesma Secretaria e Governo Federal.

Sabendo que a escola é o meio de transmissão do conteúdo estabelecido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, cabe ao professor estar atento quanto aos objetivos e o quanto está alcançando de avanço no ensino com o conteúdo proposto porque o aluno de hoje, vive em um mundo globalizado e queira ele ou não, é bombardeado a todo instante por imagens dos mais diferentes aspectos. Essas imagens somente serão lidas se houver uma formação adequada para tal, do contrário o analfabetismo visual tende a crescer entre pessoas que sabem se comunicar, mas que não receberam a preparação adequada para entender a mensagem codificada através de uma imagem.

No caso do professor de Geografia que, comprometido com o desenvolvimento do aluno, procura estabelecer um método prático, mas eficiente para que o aluno aprenda e aprimore seu conhecimento na leitura da imagem, contribuindo para a inserção social de indivíduos que contam com a escola para a ampliação de seu repertório pessoal na área do conhecimento. Os professores trabalham as imagens, apenas comentando, mesmo o documento da SEE/SP propiciando uma maior abertura para as formas de análise, sugeridas nas situações de aprendizagem, apreciação, nutrição estética, recursos para ampliação da perspectiva e compreensão do tema.

O estudo da Geografia possibilita a compreensão da relação entre a sociedade e natureza estimulando o aluno a perceber que ele próprio é parte integrante do ambiente e agente ativo das transformações das paisagens. Essa percepção somente se desenvolverá através de estímulos voltados para a leitura das imagens, onde o professor pode usar diferentes meios imagéticos para provocar o interesse pela descoberta.

A leitura do espaço e da paisagem através da Geografia representa a formação de uma consciência conservadora de aspecto natural, cultural econômica e política, onde o indivíduo expressa suas interpretações, hipóteses e conceitos, formados na busca de informações contidas nas linguagens imagéticas.

E considerando que a nova Proposta objetiva um ensino unificado em todo o Estado e voltado para o conteúdo dos Parâmetros Curriculares Nacionais, podemos concluir que precisa ser reformulado para atender toda a diversidade cultural regional existente no Estado e preparar melhor os professores para implantar a proposta com sucesso.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ACHUGAR, Hugo. **Imagens da Integração**.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BUARQUE de HOLANDA F., Aurélio. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

CONSTITUIÇÃO: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERRARA, Lucrecia D'Alésio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 2007.

GITLIN, Todd. **Mídias sem Limite**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LEI FEDERAL 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1996.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS: história e geografia/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – vol. 5, – Brasília: A Secretaria, 2001.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS: introdução/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – vol. 1 – Brasília: A Secretaria, 2001.

PDE, Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Educação**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 2007.

PIRES, Valquíria; Bellucci, Beluce. **Construindo consciências: geografia**, 5ª série. 1.ed. – São Paulo: Scipione, 2006.

PIRES, Valquíria; Bellucci, Beluce. **Construindo consciências: geografia**, 8ª série. 1.ed. – São Paulo: Scipione, 2006.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO do Estado de São Paulo. **Caderno do professor: geografia**, ensino fundamental – 5ª série. São Paulo: SEE, 2008.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO do Estado de São Paulo. **Caderno do professor: geografia**, ensino fundamental – 8ª série. São Paulo: SEE, 2008.

Sites pesquisados:

- http://ptwikipédia.org/wiki/lei_de_diretrizes_e_bases
- www.geocities.com
- <http://www.zinder.com.br/legislação/dcn.htm>
- <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/livromiolov4.pdf>
- www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/I9394.htm